



## CONCEITOS DE LÍNGUA MATERNA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR: REFLEXÕES INICIAIS

**Júlia Maria Silva Ferreira<sup>1</sup>**

**Luana Nogueira Dirino<sup>2</sup>**

**Elson Marcolino da Silva<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Discente do curso de Pedagogia, bolsista no “Ciranda Digital”/Fapag, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis(GO);

<sup>2</sup> Discente do curso de Pedagogia, bolsista no “Ciranda Digital”/Fapag, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO);

<sup>3</sup>Docente da UEG, [elsonmarcolino@gmail.com](mailto:elsonmarcolino@gmail.com), Anápolis (GO);

### **PALAVRAS - CHAVE: Língua materna. Variação linguística. Docência.**

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a língua materna é considerada a primeira língua adquirida pela criança por meio da interação e convivência com outros sujeitos, ambos inseridos numa determinada sociedade. Essa língua assume características de espontaneidade e pouca monitoração da linguagem uma vez que ela emerge a partir de contextos não necessariamente formais e sistematizados. Ainda de acordo com essa autora, a criança começa a adquirir seu processo de sociabilização por meio da língua principalmente em três domínios sociais: a) em casa, com as interações com seus familiares; na rua, a partir de diversas relações com amigos; e na escola. A criança começa a desempenhar papéis sociais por meio de interações que ocorrem, sobre tudo, nesses domínios sociais, como por exemplo, o ser filho, amigo e aluno. Por meio das interações sociais ocorridas nos domínios sociais, Bortoni-Ricardo (2004) discute a questão da “norma padrão” e da norma “coloquial”, relacionada a questão da língua e linguagem.

Segundo Cereja e Magalhães (1994 pg. 103) “na norma culta predominam construções gramaticais mais trabalhadas, em conformidade com o que é considerado “correto” pela gramática normativa”. A norma coloquial apresenta variantes naturais na fala, pois não há preocupação com as regras gramaticais, sendo esta usada em ambientes não formais, apresenta normas reduzidas na fala, como os exemplos “cê” no lugar de “você”, “tá aí” no lugar de “está aí”, e o uso de gírias. “A norma popular é espontânea, despreocupada, emotiva, efetiva e concreta, é rica em exclamações, pleonasmos e repetições” (CEREJA; MAGALHÃES, 1994).



Para a autora, boa parte das crianças da camada social menos favorecida economicamente não tende a usá-la em seu cotidiano, a oralidade na norma “padrão”. Quando essas crianças são introduzidas na escola, os professores, por questões diversas, acabam por desconsiderar nos seus trabalhos pedagógicos de sala de aula a oralidade destas crianças que é considerada diferente a oralidade padrão.

Esse fenômeno que a criança trás consigo e que a escola tende a desconsiderar por ser diferente da norma “padrão”, Bortoni-Ricardo (2004) entende por língua materna. A criança em sua fase de escolaridade pode apresentar diferentes formas de oralidade, e o professor não deve desconsiderá-las, pois essas diferenças na fala do aluno são de sua língua materna. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), cabe ao professor identificar e conscientizar o aluno sobre essas diferenças em sua fala. Esta intervenção deve ser feita de forma em que o aluno não se sinta “humilhado”.

Assim como a língua materna, outros fenômenos também tenderiam a ser desconsiderados por parte da escola, entre muitos, está também a variação linguística. Segundo Petter (2005) a linguagem verbal é associada ao “poder mágico de criar”, pois através da linguagem o homem é capaz de “nomear/criar/transformar o universo real” é também a forma de interação na sociedade; “a linguagem é relativamente autônoma” sendo, no entanto “orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante”.

“Do ponto de vista linguístico, só existem erros se a comunicação não se realiza de modo eficaz” (CEREJA; MAGALHÃES, 1994 pg. 103). Dependendo do modo como a escola concebe a linguagem em seus trabalhos pedagógicos pode-se reproduzir os preconceitos linguísticos reforçando assim, dicotomias tão raras às escolas tais como: fala “certa”, e “superior” versus fala “errada” e “inferior”.

Para Bagno (1999) isto é um equívoco de algumas escolas pois a língua é heterogênea, dinâmica e viva, caracterizada por variações linguísticas culturais, sociais, regionais etc. Sabemos que existem diferentes formas de linguagem que pode variar de uma região para outra, onde: “Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social” (BORTONI, 2004, p. 33). Na maioria das vezes, o preconceito linguístico se manifesta na medida em que um sujeito considera um determinado tipo de linguagem superior e homogênea em detrimento a outra.

Diante da importância do tema exposto, esta pesquisa teve como objetivo principal, identificar e compreender os conceitos de variação linguística e de língua materna a partir da



visão de uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, elegemos a seguinte problemática: - na visão da professora, quais eram os conceitos de língua materna e variação linguística que orientavam as suas práticas pedagógicas em sala de aula?

Pudemos inferir, por meio dos dados empíricos analisados e da teoria de base, selecionada para guiar o estudo, que as concepções de língua materna e de variação linguística que parecem subsidiar as práticas pedagógicas do sujeito investigado estão subsidiadas em pressupostos críticos isto porque para o sujeito da pesquisa não existe “fala certa ou errada, o importante é a comunicação” onde a língua materna “é a língua nativa ou primeira língua adquirida de forma natural, através da interação com o meio sem intervenção pedagógica”. Em relação à variação linguística, a professora entende que ela “pode ser compreendida através das variações históricas e regionais em um mesmo país, com um único idioma, portanto a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes”. Ainda segundo a análise dos dados, a professora faz correções nas aulas quando um aluno pronuncia uma palavra que não está de acordo com a norma padrão, isto é feito depois, com toda a turma sem dizer qual aluno pronunciou tal palavra de forma “incorreta”. Percebemos que a professora entende as diferentes pronúncias sendo uma dificuldade do aluno e que isso é algo natural, pois segundo a professora “quase todos nós temos dificuldades em pronunciar algumas palavras”. Sua concepção em relação a variação linguística está de acordo com a teoria de Bagno (1999) que diz que a língua não é “única” e “uniforme”, se teve como uma pesquisa realizada durante nossa participação na disciplina “Bases Linguística da Alfabetização ministrada no segundo semestre de 2015 no Curso de Pedagogia do Câmpus CSEH- Anápolis – GO”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é como faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. **Português**: linguagens. São Paulo: Atual, 1994.
- PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. *In*: FIORIN, J. L. (ORG.). **Introdução à linguística**: objetos teóricos. São Paulo: contexto, 2005.